



# Saúde Informa

Boletim Informativo da Faculdade de Medicina da UFMG

Nº 40 - Ano V - Belo Horizonte, Setembro de 2014

## E depois?

**P**esquisa aponta desestruturação na organização psíquica, autoestima e vida pessoal em mulheres vítimas de violência sexual. O desafio, depois do ocorrido, é construir a própria vida e defender o direito ao próprio corpo segundo as necessidades de cada indivíduo.

*Página 5*

**CONGRESSO**  
Em entrevista,  
diretor Tarcizo  
Nunes avalia  
evento

3

**EXTENSÃO**  
Ligas acadêmicas  
complementam  
aprendizado e  
currículo

6

**SAÚDE**  
Imobilidade em  
idosos deve  
ser prevenida e  
tratada

7

# Publicações

A edição de agosto do Saúde Informa traz duas pesquisas que apontam dados e conclusões alarmantes sobre a violência contra a mulher. Destacado na capa, um estudo avalia os impactos físico, emocional e social da violência sexual em mulheres. A desestruturação da vítima pode acabar prejudicando as relações pessoais após os episódios de violência.

Outra pesquisa revela prevalência alta de violência física, sexual e psicológica, praticada contra mulheres por parceiros íntimos em cidade da região metropolitana de BH. Essa última chega a atingir 42,8% das entrevistadas.

A edição traz ainda entrevista com o diretor da Unidade, Tarcizo Nunes, fazendo um balanço sobre a 3ª edição do Congresso Nacional de Saúde, que aconteceu de 3 a 5 de setembro, na Faculdade de Medicina da UFMG, e reuniu mais de 900 estudantes, professores, convidados e interessados nas áreas de Saúde, Educação e Gestão.

Você vai ler também matérias sobre as ligas acadêmicas, a imobilidade em idosos, e como cuidar e evitar e, também, sobre o programa de rádio Saúde com Ciência, que leva o conhecimento produzido na Faculdade para 55 rádios parceiras.

Boa leitura!

## Literatura e Medicina



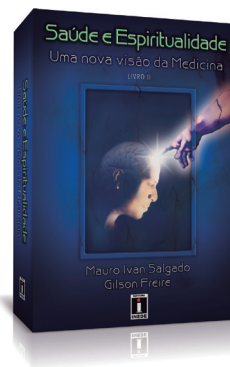
O professor Emérito da UFMG, Alcino Lázaro da Silva, lançou este mês, durante o 3º Congresso Nacional de Saúde, quatro livros: “Vícios de linguagem”, “Dados” e “Siglas”, todos da editora Foliun; e “Tratamento da úlcera cloridropéptica”, da editora Coopmed. O preço dos livros variam entre 60 e 90 reais.

## A janela da escuta – relato de uma experiência clínica



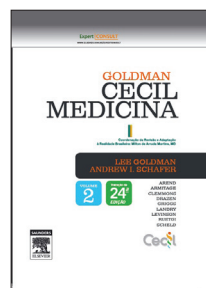
A experiência da professora do Departamento de Pediatria, Cristiane Freitas Cunha Grillo, com a clínica de adolescentes, na Medicina do Adolescente e no Núcleo de Investigação em Anorexia e Bulimia do Hospital das Clínicas, foi o principal motivador para a produção da obra. **Editora Scriptum.**

## Saúde e Espiritualidade – Uma nova visão da Medicina



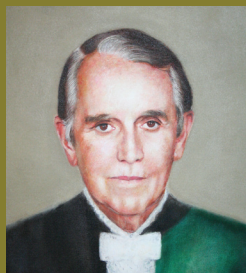
O livro é organizado pelo professor Mauro Ivan Salgado, do Departamento de Cirurgia, e o médico homeopata Gilson Freire, e reúne visões de múltiplos especialistas sob enfoque científico. Os temas destacam as medicinas integrativas, homeopatia, fitoterapia e técnicas terapêuticas inovadoras, como psicologia transpessoal e a musicoterapia. Editora Inede.

## Goldman: Cecil Medicina



O eletrofisiologista do Hospital das Clínicas da UFMG, André Assis Lopes do Carmo, colaborou na revisão da tradução e adaptação do livro, referência mundial em Clínica Médica, para o Brasil. A 24ª edição da obra traz dados epidemiológicos, estatísticas, demografia e informações contemporâneas sobre a saúde no Brasil. Editora Elsevier.

# Homenagem



O professor Emérito da UFMG, Tancredo Alves Furtado, diretor da Faculdade de Medicina na gestão 1982-1986, faleceu no dia 25 de julho, aos 91 anos.

Em sua carreira na Universidade uma de suas principais contribuições foi a criação do Centro de Pesquisa (CPq) da Faculdade de Medicina. Tancredo também foi membro emérito da Academia Mineira de Medicina.

De acordo com o fundador do Centro de Memória da Faculdade de Medicina UFMG, João Amílcar Salgado, vários foram os legados de Tancredo para a Medicina. “Enquanto a maioria dos grandes dermatologistas brasileiros era de formação europeia, Tancredo, inspirado em Baeta Viana [ele se graduou em 1946 em uma turma fortemente influenciada por Viana], foi buscar nos Estados Unidos sólida formação na especialidade, logo demonstrada em suas publicações científicas, em sua clínica e em sua docência”, comenta.

Ainda segundo João Amílcar, “Tancredo Alves Furtado ocupa lugar de importância na história da medicina clínica brasileira por ser o primeiro dermatologista a levar a aplicação de critérios científicos, introduzidos na Medicina desde a segunda metade do século 19, para os consultórios e enfermarias.”, lembra.

## Expediente

**Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – Diretor:** Professor Tarcizo Afonso Nunes – **Vice-Diretor:** Professor Humberto José Alves **Coordenador da Assessoria de Comunicação Social:** Gilberto Boaventura (MG 04961JP) – **Editora:** Mariana Pires – **Redação:** Jornalista: Larissa Rodrigues, Lucas Rodrigues – **Estagiários:** Carolina Morena, Deborah Castro, Karen Costa, Karla Escarmigliat e Rayza Kamke. **Projeto Gráfico:** Ana Cláudia Ferreira de Oliveira e Leonardo Lopes Braga. **Diagramação:** Luiz Romaniello - **Atendimento Publicitário:** Desirée Suzuki – **Impressão:** Imprensa Universitária – **Tiragem:** 2000 exemplares – Circulação mensal – **Endereço:** Assessoria de Comunicação Social, Faculdade de Medicina da UFMG, Av. Prof. Alfredo Balena, 190 / sala 55 - térreo, CEP 30.130-100, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – **Telefone:** (31) 3409-9651 – **Internet:** www.medicina.ufmg.br; facebook.com/medicinaufmgoficial; www.twitter.com/medicinaufmg e jornalismo@medicina.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

# Congresso volta pra Faculdade e aproxima alunos

*Para diretor da Faculdade, "volta pra casa" foi vantajosa em termos de estrutura e participação da comunidade*

Lucas Rodrigues

O 3º Congresso Nacional de Saúde da Faculdade de Medicina da UFMG chegou ao fim no último dia 5, mas deixou boas perspectivas. Esse legado foi apresentado pelo diretor da Faculdade e coordenador executivo do Congresso, Tarcizo Afonso Nunes. Em entrevista ao Saúde Informa, ele faz um balanço e destaca a participação efetiva de alunos, professores e funcionários em relação à edição anterior, realizada no Minascentro, em 2011.

## Saúde Informa – Como o 3º Congresso de Saúde contribui para a formação dos alunos da Faculdade de Medicina?

Tarcizo Nunes – O fato de o Congresso voltar pra Faculdade trouxe algumas vantagens, já que no último a adesão foi menor. Nós optamos por incluir os alunos em todas as mesas, com o objetivo de eles não apenas serem secretários de mesa, mas para desenvolverem um relatório. Com isso, podemos fazer uma avaliação desse relatório e corrigir as falhas que tenham acontecido. Se as palestras foram boas, não foram, etc. Didaticamente, isso tem uma importância grande. Outro aspecto é que foi dada uma porcentagem de 10% das vagas para os alunos da Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump). Além disso, tivemos o encontro da necessidade de transposição de um currículo para o outro, fazendo a equivalência com vários temas que tínhamos nesse evento.

## SI – E como o senhor avalia a participação dos professores e funcionários?

TN – Nós incluímos em todas as mesas a participação de professores. Para trabalhar no evento, todo o pessoal foi mobilizado junto aos funcionários da Faculdade, com poucas exceções. Esse trabalho favoreceu as relações interpessoais no nosso ambiente.

## SI – Pensando exclusivamente na comunidade externa, qual é a prin-

## cipal contribuição do Congresso?

TN – A troca de experiências com pessoas de fora é muito benéfica. Nós pudemos mostrar pra sociedade, o que estamos desenvolvendo. Às vezes, parece que há uma endogenia, que só nós que falamos as coisas, então é bom ouvir as outras pessoas. Um exemplo: tivemos um simpósio internacional de educação, que contou com especialistas da Colômbia, Portugal, França, etc. Ao conhecermos melhor como é feita a educação por lá, podemos propor um confronto, uma comparação do que nós precisamos aprimorar.

## SI – Um dos assuntos mais discutidos nos oito eixos do evento corresponde à relação médico-paciente. Por que essa relação está decadente e o que fazer para resgatá-la?

TN – Como bem disse o psicanalista Jorge Forbes, que fez a palestra de abertura, hoje a gente vive um segundo mundo, diferente daquele primeiro. Então as relações atuais também são diferentes. Isto, mais o avanço da tecnologia, mais as questões econômicas envolvidas, é um conjunto que faz com que a relação médico-paciente esteja decaindo. Mas ela precisa ser recuperada por motivos simples: exames complementares servem para completar raciocínios clínicos. Por isso, a tendência é que a gente estimize nossos alunos a conversarem mais com seus pacientes. Segundo o Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais, a grande maioria dos processos contra médicos se deve às relações difíceis, omissões, falta de atenção dos profissionais. Mais um motivo para incutir nos estudantes a importância dessa relação.

## SI – Nessa edição também foram abordados assuntos mais polêmicos, como racismo, eutanásia e tráfico de drogas. O senhor cita



Diretor avalia 3º Congresso Nacional de Saúde da Faculdade de Medicina da UFMG

## um ponto de destaque de alguma palestra que vale uma reflexão maior?

TN – Teve uma mesa, que eu presidi, sobre drogas. Nessa mesa havia psicanalistas, que vêem essa questão por outro ângulo: por que o indivíduo recorre às drogas, por que a pessoa pratica o tráfico? Às vezes, nós vemos muito sensacionalismo, aqui, eu conheci outra face. Hoje, os métodos usados pra acabar com o tráfico de drogas, tanto do poder público quanto policial, parecem ineficazes. Às vezes, se a gente atacar os motivos de o indivíduo mexer com a droga, fazer o tráfico, seja possível ao menos diminuir tudo isso.

## SI – O próximo Congresso acontecerá em 2017, durante sua gestão. Existem pontos a serem melhorados? O que os participantes devem encontrar daqui a três anos?

TN – Achei que tivemos um excesso de eixos, isso impossibilitou assistir a algumas palestras, porque elas aconteciam simultaneamente. A partir dos relatórios que os alunos estão produzindo, com a experiência que tivemos ouvindo as outras pessoas, nós vamos tentar aprimorar isso para o próximo Congresso. Tentar dividi-lo em um número menor de eixos para concentrar melhor as atividades principais, garantindo o acesso de todos.

# Violência psicológica, física e sexual dentro de casa

Pesquisa realizada em Ribeirão das Neves alerta para alto número de casos de violência praticada contra mulheres por parceiros íntimos.

**Karen Costa**

Estudo realizado com 470 mulheres de um município da Região Metropolitana de Belo Horizonte revela que 42,8% delas já sofreram agressões psicológicas, principalmente, pelos parceiros íntimos. Os dados foram obtidos através de um recorte da pesquisa do Programa de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência na Atenção Básica, que analisou também a violência física e sexual às mulheres.

Em dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG, a gerente de Unidade de Saúde da Prefeitura de Belo Horizonte, Doriana Ozólio, buscou compreender e discutir a violência, especialmente a praticada pelo parceiro íntimo, contra as mulheres usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS) do município de Ribeirão das Neves, Minas Gerais.

Em 2012, pesquisadores realizaram a coleta de dados, com mulheres recrutadas a partir das 53 Unidades Básicas de Saúde e de cinco Unidades Básicas de Referência. Elas tinham idade média de 37 anos, com idade mínima de 15 anos e máxima de 83, eram moradoras do município, a maioria casada ou com união estável, com tempo de escolaridade inferior a 8 anos.

“Todas as violências contra a mulher praticadas pelo parceiro tiveram uma prevalência alta, e isso foi assustador pra mim”, conta Doriana. Os percentuais de mulheres que sofreram violência física e sexual pelos parceiros íntimos foram de 26% e 11,7%, respectivamente. O que chamou sua atenção também foi a frequência de ocorrência da violência física moderada, como empurrões, beliscões, que, muitas vezes, nem são considerados, pelas mulheres vítimas, como uma real agressão, e a violência física grave.

O consumo de bebidas alcoólicas também foi associado às agressões. O I Levantamento Nacional sobre Padrões de Consumo de Álcool no Brasil, realizado em 2005 e 2006, em 143 municípios brasileiros, apontou que, dentre a população que se declarou casada ou com união estável, 12% dos entrevistados relataram ter iniciado discussão ou briga com o parceiro enquanto bebiam. Entre as mulheres, que faziam uso de bebida alcoólica, 5,7% admitiram ter agredido fisicamente o parceiro, enquanto 3,9% dos homens também admitiram esse fato.

## Fatores de risco

Com o desenvolvimento do estudo, foi possível traçar alguns fatores de risco para a violência: a baixa escolaridade (somente 1,5% das mulheres possuía curso superior completo); a pobreza; vários parceiros sexuais; o uso nocivo do álcool; idade maior ou igual 37 anos; problemas de saúde; dor de cabeça ou enxaqueca; e se julgar violenta. A maioria das mulheres entrevistadas têm o parceiro como chefe da família e possuem como ocupação atividades não remuneradas, como ser dona-de-casa.

## Medidas contra a violência

Em vigor há 8 anos, a Lei Maria da Penha, que pune as



Ilustração: Ju Guimarães

agressões contra a mulher, é uma das medidas legais para a punição desses casos. Porém uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostrou que a medida não diminuiu as taxas de mortalidade das mulheres por agressão no Brasil: a proporção de feminicídios por 100 mil mulheres em 2011 (5,43) superou o patamar visto em 2001 (5,41).

Para enfrentar o problema, Doriana propõe uma participação maior de todos os profissionais da saúde, em especial os da Atenção Primária à Saúde, bem como o médico ginecologista e obstetra. “Os médicos podem e devem se integrar aos diversos profissionais que estudam o problema, pois têm, no seu cotidiano, a oportunidade de tomar conhecimento das agressões no ambiente familiar ou fora dele. Eles devem realizar o adequado acolhimento: orientando, notificando, quando procurados após situações de violência e, principalmente, estando atentos ao problema que, nem sempre, será explicitado verbalmente pelas pacientes”.

As consequências da violência sofrida pela mulher vão desde agravos biológicos à dificuldade de socialização. As vítimas, muitas vezes, não buscam ajuda, seja por vergonha, dificuldade de acesso ou medo, e intervenções se tornam mais difíceis.

**Título:** *Violência provocada pelo parceiro íntimo: prevalência e fatores associados em usuárias da atenção primária à saúde na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*

**Nível:** *Mestrado Profissional*

**Autora:** *Doriana Ozorio Alves Rosa*

**Orientador:** *Victor Hugo de Melo*

**Programa:** *Promoção da Saúde e Prevenção da Violência*

**Defesa:** *4 de julho de 2013*

# Violência sexual contra a mulher e seus desdobramentos

*Pesquisa qualitativa analisou impactos físicos, emocionais e sociais em vítimas de violência sexual por até um ano após o evento*

Deborah Castro

A agressão sexual, considerada um problema de saúde pública pelo Ministério da Saúde, leva a consequências graves para a saúde física, psicológica e social da vítima. A questão foi apresentada na tese de Eliara Froes, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Saúde da Mulher da Faculdade de Medicina da UFMG. A motivação veio a partir de sua experiência em 24 anos de assistência psicológica em hospital público, com dedicação à saúde da mulher.

“A violência sexual contra as mulheres, assim como qualquer outra violência contra qualquer indivíduo, deve ser estudada e gerar conhecimento que ajude a diminuir a sua ocorrência. No caso específico da mulher, há maior importância do estudo ser realizado em nosso país devido às características culturais específicas”, aponta o professor Antônio Carlos Cabral, orientador da tese.

A tese aponta para uma preocupação científica para as alterações ocorridas após a violência sexual, resguardando a individualidade de cada mulher. “O desafio é construir a própria vida, defender o direito ao próprio corpo, pensado, vivido e experimentado autonomamente, segundo as necessidades de cada um”, diz Eliara.

## O estudo

“Pessoas violentadas sexualmente ficam mais vulneráveis a outros tipos de violência como a prostituição, uso de drogas, distúrbios sexuais, depressão, suicídio, doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez indesejada”, afirma a psicóloga. Segundo ela, o estudo possibilita quantificar as consequências para as vítimas.

Para isso, ela desenvolveu um questionário respondido por 33 pacientes entre 16 a 72 anos, todas atendidas aos três meses, seis meses e um ano após o evento. As perguntas se concentraram em três áreas: vida profissional, sexual e socioemocional após a agressão. Os dados foram comparados com os de antes do ocorrido.

O estudo foi realizado no Hospital Municipal Odilon Behrens, referência em atendimento à mulher vítima de violência sexual. O atendimento é feito por equipe multidisciplinar, e a psicologia recebe destaque ao proporcionar um espaço terapêutico para a vítima.

Eliara ressalta o cuidado em preservar a integridade das pacientes. “É necessário o acolhimento digno e respeitoso com a identificação das necessidades do momento, escuta sem pré-julgamentos e imposição de valores. Um reconhecimento e aceitação das diferenças e valorização da fala”, explicou. Ela conta que esse espaço para a expressão do sofrimento é um facilitador para a reestruturação na vida da mulher. Outros elementos favorecedores são uma forte rede social, como bom vínculo afetivo com familiares e amigos, a religiosidade e o trabalho.

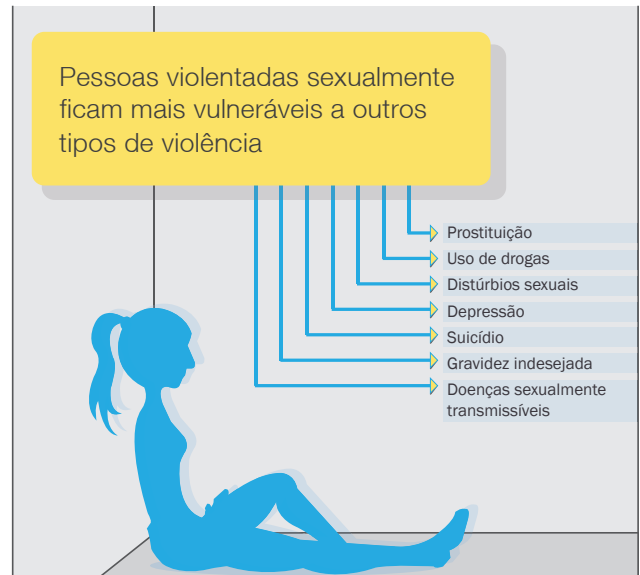


Ilustração: Ju Guimarães

## Resultados

De acordo com o estudo, a invasão da intimidade sexual causa desestruturação na organização psíquica, na autoestima e na vida pessoal da vítima. A repercussão negativa na atividade sexual aconteceu na totalidade dos casos. Foi constatada a dor intensa na relação sexual, inibição do orgasmo, suspensão temporária e até mesmo abandono da atividade sexual. Outros sintomas emocionais frequentes foram tristeza, medo, introversão, ansiedade, irritabilidade, desânimo e hostilidade. As alterações psíquicas encontradas foram queda da autoestima, vergonha, hipervigilância, raiva/revolta, culpa e queda da memória.

Eliara explica que as lembranças são nocivas e podem paralisar a mulher com o retorno das emoções que a perturbam. Apesar de haver melhora com o passar do tempo, não houve recuperação total. “As consequências socioemocionais se mostraram evidentes no trabalho e estudo, incluindo o absenteísmo e a diminuição ou abandono da produtividade”, relatou.

Essa realidade, de acordo com ela, é a certeza de que a violência sexual não se resume a um quadro episódico. “A abordagem tecnicista dos agravos físicos é apenas a ponta de um grave problema que se manifestará ao longo da vida da mulher e que exige acompanhamento sistemático”, afirmou. “A grande complexidade ainda é o atendimento ao ser humano na medida de sua necessidade e na possibilidade de resolutividade”, completou.

**Título:** Avaliação do impacto físico emocional e social da violência sexual em um grupo de mulheres atendidas em serviço de referência

**Nível:** Doutorado -

**Autora:** Eliara Thomaz Froes

**Orientador:** Antônio Carlos Vieira Cabral

**Programa:** Saúde da Mulher

**Defesa:** 28 de março de 2014

# Conhecimento e prática na área da Saúde

Formadas por estudantes, as ligas acadêmicas são modelos de ação social e complementação do aprendizado

## Rayza Kamke

Participar de ligas acadêmicas é uma opção para estudantes interessados em aprimorar alguma área específica do conhecimento, com estudos e prática.

Desenvolvidas por alunos sob a orientação de um professor, as ligas são modelos de ação social que disseminam conhecimento por meio de atividades que vão desde pesquisas, discussões clínicas, eventos científicos e interação com o sistema de saúde local até palestras, eventos em ruas e escolas e criação de material educativo.

Para a coordenadora do Centro de Extensão da Faculdade de Medicina da UFMG (Cenex), professora Maria Isabel Toulson, as ligas são uma forma de os estudantes demonstrarem interesse por essas atividades. “É algo que tem um potencial enorme de fortalecer o conhecimento que o aluno adquire em sala com experiências práticas”, enfatiza.

A participação e assiduidade do aluno nas Ligas Acadêmicas podem ser utilizadas para reconhecimento de Atividades Complementares de Graduação (ACGS) e para complementar o currículo para a residência médica. Os organizadores são responsáveis pelos relatórios de controle.

## Pioneirismo

As ligas acadêmicas da Faculdade de Medicina da UFMG são tradicionalmente conhecidas. É o caso da Nefroliga, criada em 2003, uma das pioneiras em ações de extensão da Universidade. Orientada pela professora do Departamento de Pediatria, Maria Goretti Penido, é Ligada à Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN). Morgana Bechler De Moro, estudante do 10º período de Medicina e coordenadora do projeto, conta que a liga atua na prevenção de doenças renais com campanhas em locais com grande concentração populacional. “As atividades conscientizam os estudantes e a comunidade para a prevenção de doenças e promoção de saúde”, explica.

## Tradição

Promover uma melhor formação acadêmica em Neuroanatomia, Neurologia, Neurocirurgia e ética é a proposta da Neuroliga. Criada em 2007 e orientada pelo pro-



Ação da Nefroliga em Dia Mundial do Rim

Foto: Arquivo Pessoal

fessor do Departamento de Cirurgia, Sebastião Gusmão, a tradicionalmente reconhecida liga tem destaque por promover eventos como o Curso de Anatomia do Encéfalo em 3D e o projeto social Pense Bem, voltado para prevenção de doenças do sistema nervoso. Para Galileu Lourenço, 7º período, coordenador da Neuroliga, a principal valia das ligas acadêmicas é a expansão dos horizontes. “Conhecemos um pouco mais da área, não só por meio da exposição passiva ao conhecimento, mas também pela busca ativa despertada pela exposição”, opina.

## Integração

A Liga Acadêmica Integrada de Fonoaudiologia e Otorrinolaringologia (Laifo) é a primeira Liga com a participação do curso de Fonoaudiologia da UFMG. Criada em 2013, é orientada pelos professores Paulo Crosara e Andrea Motta, dos departamentos de Oftalmologia e Otorrinolaringologia e Fonoaudiologia, respectivamente. A liga visa à promoção do conhecimento e integração entre os cursos de Fonoaudiologia e Medicina. Para a coordenadora da Laifo e aluna do 10º período de Fonoaudiologia, Cássia Rafaela Ribeiro, a liga é um facilitador do diálogo que deve haver entre profissionais de diferentes áreas. “O aluno que aproveita o que a liga oferece, sai dela com a mente aberta, com disposição para ouvir o outro e flexibilidade para mudar suas perspectivas”, conclui.

## Conheça outras ligas acadêmicas ativas da Faculdade de Medicina da UFMG :

- Liga Acadêmica de Anatomia Clínica e Cirúrgica (Lanac)
- Liga Acadêmica de Cardiologia (LAC)
- Liga Acadêmica de Ciências Cardiovasculares de Belo Horizonte
- Liga Acadêmica de Cirurgia Plástica
- Liga Acadêmica de Diabetes
- Liga Acadêmica de Endocrinologia e Metabolismo
- Liga Acadêmica de Geriatria e Gerontologia
- Liga Acadêmica Hepatobiliopancreática
- Liga Acadêmica de Hipertensão
- Liga Acadêmica de Medicina de Família e Comunidade
- Liga Acadêmica de Medicina Intensiva (Ligami)
- Liga Acadêmica Multidisciplinar do Estudo da Dor e Cuidados Paliativos
- Liga Acadêmica de Oncologia e Hematologia
- Liga Acadêmica de Ortopedia e Medicina Esportiva
- Liga Acadêmica de Patologia
- Liga Acadêmica de Patologia Clínica da UFMG (Lapac)
- Liga Acadêmica de Pneumologia
- Liga Acadêmica de Puericultura, Pediatria e Adolescência
- Liga Acadêmica de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (Lidi)
- Liga Acadêmica Simulação em Saúde da UFMG (Lass)
- Liga Acadêmica do Trauma
- Liga de Hepatites Virais (Lahep)
- Liga de Saúde Coletiva (Liasc)

# Estímulos, responsabilidades e distribuição de cuidados contra a imobilidade

*Caracterizada pela perda parcial e total dos movimentos, a imobilidade em idosos pode ser causada por quedas ou outras doenças*

**Karla Scarmigliat**

**P**assos lentos e cansados. Apesar de a imobilidade parecer inerente ao processo natural de envelhecimento, as causas são multifatoriais: de problemas eventuais, como quedas, até o uso de alguns medicamentos. A redução dos movimentos é mais sentida por idosos e, sem intervenção terapêutica, pode levar a um processo irreversível de dependência.

A imobilidade pode ser aguda ou crônica. A primeira tem como causa predominante doenças ou situações súbitas, como quedas, acidente vascular encefálico ou processos infecciosos, e é passível de tratamento ou reabilitação total.

De acordo com a enfermeira do Hospital das Clínicas da UFMG, Raquel Azevedo, é possível diminuir os riscos com orientações, como a adaptação do ambiente. Retirar tapetes, usar apoio no banheiro, diminuir a altura da cama, manter a luz acessa à noite, entre outros, reduz a possibilidade de acidentes.

Já a imobilidade crônica é comum em 40% dos idosos, durante ou após intervenção hospitalar. Outro fator são as doenças crônico-degenerativas, como as doenças de Alzheimer e Parkinson. O geriatra Edgar Nunes de Moraes, professor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG, cita a demência, perda das capacidades cognitivas em idosos, como mais um exemplo dos casos crônicos. “Ela começa com o esquecimento, e o idoso deixa de fazer coisas fora de casa. Depois, ele não dá conta de fazer dentro de casa. Quando evolui, não consegue mais cuidar dele mesmo”, exemplifica.

Shirley de Araújo, 51 anos, viu esse processo acontecer com a mãe. Com o diagnóstico da doença de Alzheimer, aos 70 anos, o quadro da paciente evoluiu rapidamente, até chegar à imobilidade zero. “Ela era muito ativa. Um dia foi caminhar com a cuidadora e não conseguiu mais se mover. Desde então, dedicamos 24h do dia para os seus cuidados”, conta Shirley.

## Imobilidade gera imobilidade

Raquel Azevedo conta que, com a mobilidade reduzida, é frequente o paciente ter depressão. O desânimo gerado pela depressão costuma ser visto pelos familiares como desinteresse por uma recuperação. “Na verdade ele não consegue se recuperar sozinho, e deve ter algum tipo de intervenção”, afirma o professor Edgar.



A enfermeira Raquel Azevedo orienta paciente sobre riscos da imobilidade

Foto: Karla Scarmigliat

A intervenção ideal deve ser feita por uma equipe multidisciplinar: psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta, médico, e outros. “Se você deixa o paciente evoluir na imobilidade, ele vai ‘involuir’. Já tivemos pacientes que não conseguiam abrir as mãos e ficavam com feridas entre os dedos”, conta Edgar.

## Tratamentos

Mesmo que seja somente a recuperação da capacidade de mudar sozinho de posição, sempre há o que fazer. Segundo Edgar, as recomendações são para estimular os idosos o máximo possível, mas sem impor condições. “Muitas vezes o profissional diz: a partir de hoje você vai fazer isso. Percebemos que quando explicamos ao paciente o porquê, a adesão é maior”, observa.

A música também é aliada. Os ritmos levam ao movimento quase involuntário do corpo, sendo estímulo importante para o aumento da mobilidade. Outra orientação é não fazer tudo para o paciente. “Às vezes queremos ajudar, e isso os torna mais dependentes ainda” afirma Raquel. O caminho deve ser contrário: o que ele der conta, ele deve fazer.

## Família

Os cuidados devem se estender aos familiares. Alguns pacientes chegam a ficar anos com imobilidade e, na maioria dos casos, apenas uma pessoa assume a responsabilidade pelos cuidados. “Essa pessoa vai ter uma sobrecarga física e mental”, alerta a enfermeira. Ela acrescenta que é importante a equipe médica orientar a família sobre a distribuição de funções. “Sabemos que é muito difícil, mas é uma coisa que tem que acontecer”, diz.



Para orientar familiares ou outras pessoas que queiram entrar para o mercado de cuidador de idoso será iniciado em outubro, mês do idoso, o curso de capacitação *Fundamentos de cuidados com o idoso frágil*.

Mais informações pelo site:  
[www.fundep.ufmg.br](http://www.fundep.ufmg.br)

# Da Faculdade de Medicina para o mundo

Saúde com Ciência atinge 55 rádios parceiras

Larissa Rodrigues

Esclarecer dúvidas sobre problemas de Estômago, alergias, diabetes e cirurgias estéticas pelas ondas do rádio é a intenção do programa Saúde com Ciência, produzido pela Assessoria de Comunicação da Faculdade de Medicina da UFMG. Uma forma de levar informação sobre qualidade de vida para os ouvintes.

Atualmente, o Saúde com Ciência é veiculado pela rádio UFMG Educativa (104,5 FM), de segunda à sexta-feira, às 5h, 8h e 18h05, em Belo Horizonte. Outras 52 rádios mineiras, uma no Paraná e outra em South Yarmouth, nos Estados Unidos, também transmitem o programa.

Os programas são produzidos por três estagiários, sob coordenação do jornalista Lucas Rodrigues. Segundo ele, as pautas são discutidas previamente para que os assuntos possam se aproximar do ouvinte, além de esclarecer mitos e verdades que costumam rondar os temas relacionados à saúde. “Também estamos sempre atentos ao calendário da saúde e aos acontecimentos do mês, para que essa abordagem compreenda, na medida do possível, os fatos atuais. Vale lembrar ainda das diversas parcerias do interior, já que isso nos induz a pensar em direcionamentos que não se restringem ao que acontece na capital”, acrescenta.

A Rádio Difusora, de Pouso Alegre, sul do Estado, é uma das rádios que veicula diariamente o programa. Segundo a gerente da rádio, Nelma Pascoal, a programação tem temas variados, interessantes e linguagem clara. “Esse é um meio de levar informação para as pessoas. A gente tem que cuidar da nossa saúde e o papel do rádio é bastante importante para orientar e esclarecer o ouvinte”, avalia.

## Além das fronteiras

Com o objetivo de expandir o número de ouvintes, uma pesquisa dos contatos das rádios do interior de Minas Gerais é realizada pela publicitária Desirée Suzuki, responsá-

Foto: Bruna Carvalho

Estudantes de comunicação participam da produção do programa, sob orientação do jornalista Lucas Rodrigues



vel pelas parcerias com as emissoras. Após o contato inicial, uma proposta de convênio é encaminhada para as rádios. Durante esse processo, ela ainda apresenta o site e as temáticas abordadas pelo programa e verifica se há o interesse das rádios pela parceria.

Segundo Desirée, os responsáveis pelas rádios encaminham, com frequência, críticas e sugestões de temas de acordo com os problemas que ocorrem na cidade e em comunidades próximas à rádio. “O Saúde com Ciência transmite o conhecimento produzido pela UFMG até a população, de forma simples e objetiva, contribuindo para a promoção da saúde, melhoria da qualidade de vida e a prevenção de doenças”, explica. Ainda de acordo com a publicitária, a intenção é atingir 100 rádios parceiras até agosto de 2015.

Ouçá o Saúde com Ciência também pela internet:

saúde  
com ciência

[www.medicina.ufmg.br/radio](http://www.medicina.ufmg.br/radio)

## Acontece

### Oncologia e Hematologia

De 23 a 25 de setembro, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da UFMG, o II Simpósio de Oncologia e Hematologia, parceria da Faculdade de Medicina e Hospital das Clínicas. O evento é organizado pela Liga Acadêmica de Oncologia e Hematologia e pelo Departamento de Pediatria. Inscrições até o dia 22 de setembro, pela página da Fundep: [www.fundep.ufmg.br](http://www.fundep.ufmg.br).

### Encontro Mineiro de ACS

Entre os dias 18 e 20 de setembro, acontece, em Belo Horizonte, o 1º Encontro Mineiro de Agentes Comunitários de Saúde – Doença Falciforme: Linha de Cuidados. O evento é direcionado para agentes comunitários de saúde (ACS) e tem como proposta discutir o papel do profissional no cuidado à pessoa com doença falciforme. Mais informações: [www.cehmob.org.br](http://www.cehmob.org.br)

### Tecnologias assistivas

Estão abertas, até 30 de setembro, as inscrições para o curso de qualificação para uso terapêutico de tecnologias assistivas. O objetivo é promover o cuidado à Saúde, a prevenção e a identificação precoce de deficiências em todas as fases da vida e ampliar a oferta de órteses, próteses e meios auxiliares de locomoção e cuidados em habilitação e reabilitação. O curso é fruto de uma parceria da UFMG com o Ministério da Saúde, por meio da Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS). Mais informações: [www.nescon.medicina.ufmg.br/agora/cursos/](http://www.nescon.medicina.ufmg.br/agora/cursos/).



Saúde Informa

IMPRESSO